

No programa, os alunos visitadores recebem uma bolsa de meio salário mínimo por mês

## Atrás dos alunos faltosos

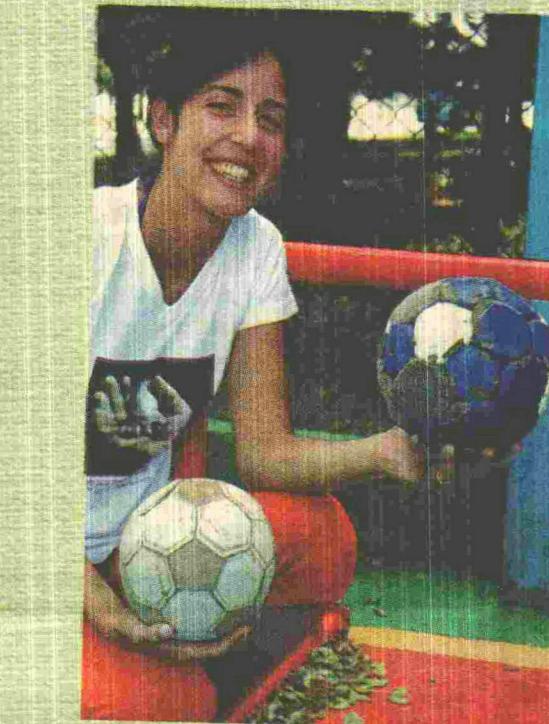
A estrutura do Programa Visitador Escolar é simples e considerada de baixo custo. A equipe envolvida é composta de um coordenador geral, que é o executor e responsável pelo programa, e mais um total de 31 colaboradores, entre coordenadores e assistentes de coordenação, distribuídos entre as Gerências Regionais de Ensino. Conta, ainda, com 230 visitantes escolares, também divididos entre essas unidades.

Os visitadores são alunos do Ensino Médio que não foram reprovados em nenhuma disciplina no ano anterior e, caso o número de candidatos seja superior ao de vagas, são selecionados aqueles que obtiverem melhores notas em Língua Portuguesa. São assistidos pelo programa os alunos do Ensino Fundamental da rede pública de ensino, na faixa etária entre 7 e 14 anos; os que tiverem três faltas consecutivas ou cinco intercaladas, em um mês, sem justificativa; e os estudantes que abandonaram a escola.

Periodicamente, as Gerências Regionais de Ensino, juntamente com os diretores das escolas dessas respectivas unidades, reúnem-se para traçar estratégias de trabalho. Os encontros são para traçar planos de trabalho, buscando soluções conjuntas para determinadas situações que contribuam para o sucesso no resgate aos alunos faltosos.

***"Sempre dá para conciliar essa atividade com estudos. Mas é preciso manter o rendimento escolar para ter direito a participar do programa"***

**Diogo Costa**, que atuou como visitador quando cursava o Ensino Médio da rede pública



Na contramão da tendência fitness e do inchaço das academias, Viviane, 25 anos, sempre se interessou por Educação. Na faculdade, os estudos foram voltados para atuar em escolas e a professora de Educação Física não se arrepende de não ter escolhido outras áreas para trabalhar na profissão. "Nem fiz estágio em academia. Sempre quis trabalhar com isso. Acho que é porque nasci em uma escola. Meus pais também são professores." O que ela quer, porém, não é formar craques em esportes. O interesse é justamente nos mais tímidos, aqueles que não têm afinidade com a bola. "Eles sempre são discriminados pelos outros. Gosto de trabalhar com o psicológico desses alunos. Tanto os tímidos, que no final do ano já jogam alguma coisa, quanto os outros, que precisam aceitar as diferenças e ceder às vezes. É muito gratificante ver essa mudança no final do ano."

**Viviane Coelho da Silva**, 25 anos, professora de Educação Física